

Quadros urbanos



NESTE LIVRO, AS IMAGENS DA CIDADE SÃO FEITAS DE FANTASMAS E FRAGMENTOS

TEXTO DE ANTÓNIO GUERREIRO

PEDRAS, CALÇADA, história petrificada — eis a matéria deste livro de poesia. Dir-se-ia que ele ganha forma a partir de um olhar para baixo, rasteiro, atraído por fragmentos amorfos. Mas por uma espécie de inversão diabólica, a fixidez torna-se uma dança e os hieróglifos cristalizados da história ganham voz e tornam-se legíveis como texto onde se plasmou a vida e a experiência da cidade: é esta capacidade de inversão e transfiguração de uma realidade opaca e contingente (que nestes versos encontra uma definição cabal: “São pedras/ que nos falam de modo profano. Por aqui/ não há saída”) que torna densa e cheia de subtileza esta poesia. Este quarto título de Vitor Nogueira é uma estação obrigatória num percurso que começou seguro e continua ascendente.

Deste livro, poderíamos dizer que é uma homenagem que a arte presta à *technè*. Expliquemo-nos: os poemas falam da calçada de Lisboa que ganhou forma pela primeira vez em meados do século XIX, pelas mãos de presidiários. “Mar Largo”, o título do livro, refere-se não a aventuras

marítimas mas ao padrão do desenho da calçada, que imitava o ritmo das ondas através do uso alternado, e em ziguezague, de pedras brancas e pretas. O livro é composto de duas partes: a primeira é uma incursão histórica nesse momento da construção da calçada; a segunda é um passeio, em jeito de *flânerie*, por lugares da baixa da cidade servidos pela calçada. A sedimentação do tempo histórico, os vestígios e os fantasmas do passado são agora o contraponto ao tempo inaugural da construção. E o olhar adquire então uma intencionalidade arqueológica, que escava no passado urbanístico ao mesmo tempo que se detém nos sinais do presente. E quando chega ao fim o percurso do *flâneur* (a evocação é claramente baudelairiana e impõe-se o intertexto dos *tableaux parisiens*), a cidade é um cenário vazio, quase fantasmático: “De repente ficam só os chafarizes/ num topo e noutra da praça./ Está declarado o fim da cerimónia./ uma série de pequenos desastres./ todos ordenados de algum modo./Ninguém faria nada se soubesse/ o que o espera. Pudéssemos ao menos/ corrigir um pouco a noite, salvar um pouco/ o dia, levar para casa uma mala cheia disto./ esquecer as regras e começar do zero/ antes que a úlcera volte a sangrar.” Baudelairiana é também a aliança desta poesia com a prosa. Mas

VÍTOR NOGUEIRA

traz para a sua poesia uma experiência da cidade

a par de Baudelaire devemos também referir Cesário Verde, ressaltando no entanto a distância em relação ao *spleen* de um (a experiência da cidade é, na poesia de Vitor Nogueira bastante diferente) e à empatia dolorosa do outro. No entanto, a epígrafe que abre o livro é de Camilo Pessanha. Trata-se de um célebre verso, que grande fascínio provocou em muitos poetas: “Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos...” Em Pessanha, estes frágeis fragmentos são o que resta, visível, do que se aventurou no mar, são destroços de vida e de empreendimentos humanos. Mas na cidade representada na poesia de Vitor Nogueira, as pedras “que nos falam de um modo profano” são objecto de um olhar alegórico (também ele com algumas afinidades baudelairianas), um olhar em profundidade que distancia, mortifica e transforma tudo numa escrita, ou melhor, numa imagem para ser lida. O olhar fixa-se sobre imagens emblemáticas e reconstrói o mundo das coisas como um mundo de ruínas e fantasmas, onde tanto se pode ler a história como a efemeridade das coisas que compõem a vida urbana. São imagens da fragilidade, de onde está ausente a glorificação monumental da cidade e em que o observador está constantemente confrontado com a dimensão profana e cadavérica da história.



MAR LARGO
Vitor Nogueira
8 etc., 2009.
56 págs., €10,99

aguerreiro@expresso.impresa.pt